

## Resenha

Querido, Fabio Mascaro. *Daniel Bensaïd: intelectual em combate*.

Belo Horizonte: Fino Traço, 2022.

ISBN 9788580545463

## Uma trajetória em três tempos: Daniel Bensaïd e a atualização do marxismo

Pedro Gava\*

Autor de *Daniel Bensaïd: intelectual em combate* (2022), Fabio Mascaro Querido é professor livre-docente de sociologia na Unicamp e coordenador do grupo de pesquisa *Intelectuais, cultura e política: passado e presente*. Desde a sua graduação em ciências sociais, suas pesquisas giraram em torno de investigações sobre intelectuais. Em sua iniciação científica e em seu mestrado, dedicou-se a um estudo sobre a obra de Michael Löwy, importante sociólogo franco-brasileiro. Já em seu doutorado, a pesquisa se expandiu e passou a englobar as trajetórias políticas e intelectuais tanto de Löwy (1938-) como de Bensaïd (1946-2010), amigos e companheiros de militância na França, analisando a maneira específica como cada um incorporou a obra de Walter Benjamin em suas próprias reflexões.

O livro em questão, ora resenhado, é um resultado de tal pesquisa de doutorado. Trata-se de uma obra singular, na medida em que é a primeira, em escala internacional, dedicada a uma análise integral da obra e da trajetória de Bensaïd, escrita por um único autor. Com sua pesquisa, portanto, Fabio Querido coloca-se na linha de frente das pesquisas sobre Daniel Bensaïd, ao lado de Josep María Antentas (Estado Espanhol) e Darren Roso (Austrália).<sup>1</sup>

O principal objetivo do livro é analisar a trajetória de Bensaïd, pensador e militante comunista que foi também professor de filosofia da Universidade Paris 8 (Vincennes – Saint-Denis) desde 1984. A análise destaca particularmente o modo como ele “respondeu” à mudança de época que se iniciou no final dos anos 1970 na Europa e que se efetivou globalmente com a implosão da URSS, em 1991. Especial atenção é conferida para a maneira como a sua leitura de Benjamin contribuiu para o enfrentamento dos desafios que emergiram em meio a tal transição histórica. Para dar conta desta investigação, a “sociologia dos intelectuais” realizada pelo autor adota explicitamente como enfoque teórico-

---

\* Bacharel e licenciado em Filosofia (FFLCH/USP). Mestrando em Sociologia (IFCH/Unicamp). Membro do grupo de pesquisa Intelectuais, cultura e política: passado e presente (IFCH/Unicamp). E-mail: pedro.mgrbarbosa@gmail.com.

<sup>1</sup> Antentas tem se dedicado, há anos, a analisar as contribuições de Daniel Bensaïd. Roso, por seu turno, acaba de publicar pela Historical Materialism Book Series, da editora Brill, o volumoso *Daniel Bensaïd: From the Actuality of the Revolution to the Melancholic Wager*. Cf.: (Roso, 2023).

metodológico a consideração combinada não apenas da trajetória em sentido estrito de Daniel Bensaïd, mas também de sua obra e dos contextos (políticos, intelectuais e sócio-históricos) nos quais esteve inserido e diante dos quais buscou se posicionar.

O leitor se dará conta de que o conjunto dos textos de Bensaïd é analisado de maneira mais sintética, quase sempre buscando destacar o que há de mais relevante para a reconstituição da sua trajetória – afinal, este é propriamente o escopo do trabalho. Neste aspecto, cabe observar que os escritos de Bensaïd que melhor refletem a sua incorporação da obra de Benjamin tendem a receber um tratamento diferenciado, mais abrangente. De todo modo, essa relativa limitação não compromete os méritos do livro, que seguramente se configura como a principal investigação sociológica da trajetória intelectual e política de Bensaïd. Uma obra que passa a integrar, assim, o trabalho coletivo de apreensão da originalidade e riqueza das contribuições de Bensaïd para a renovação do marxismo, tal como temos observado nas páginas dos dossiês temáticos organizados por revistas como *Lignes* (2010), *Historical Materialism* (2014), *Cahiers critiques de philosophie* (2016), *Século XXI* (2020) e *Rethinking Marxism* (2023).

Trata-se, enfim, de uma investigação atravessada por um esforço de totalização. Por isso, nossa resenha buscou respeitar e acompanhar este esforço, dedicando-se aqui a uma análise de cada um dos momentos do livro: o antes, o durante e o depois da incorporação de Benjamin por Bensaïd, justamente os três tempos nos quais a trajetória deste é narrada pelo autor.

## I

Na primeira parte do livro (Capítulos 1 e 2), o autor apresenta uma síntese do primeiro grande período da trajetória de Bensaïd e de sua corrente, dos anos 1960 a meados dos anos 1980. Joga-se luz, assim, à origem familiar de Bensaïd, o que não é secundário dado o enquadramento teórico-metodológico adotado pelo autor. Filho de um pai judeu – de origem pobre e nascido na Argélia – e de uma mãe francesa cuja família tinha uma inclinação “republicana de esquerda”, Bensaïd nasceu em Toulouse em 25 de março de 1946, em um momento marcado pelo fim da Segunda Guerra Mundial e pela resistência antifascista.

A família materna, segundo o autor, estava “permeada por uma certa atmosfera comunista *latina*”. (Querido, 2022, p. 14) Ainda que no caso da família paterna não se encontrasse a mesma influência política e ideológica, seu pai, depois de escapar em 1943 de uma prisão durante a guerra, conseguiu um empréstimo para abrir um pequeno café em Toulouse, *Le Bar des Amis*. É importante notar, como o faz o autor, que os frequentadores do bar iam de refugiados espanhóis e antifascistas italianos a operários, carteiros, ferroviários e pequenos comerciantes, chegando até a comunistas do Partido Comunista Francês (PCF). Dessa maneira, não é difícil imaginar as sementes que foram plantadas no coração e na mente de Bensaïd ao longo do seu convívio nesse ambiente “plebeu e radical”, como sugere Sebastian Budgen (2010): ali ele teria sido envolvido pelo “espírito de um comunismo popular latino que o acompanhou durante toda a sua vida”.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> É nossa a tradução em todos os casos em que os textos citados não tenham versão em português.

Para além de sua origem familiar, o leitor pode acompanhar o processo de engajamento político de Bensaïd. O ponto de partida é sua adesão à juventude do PCF em 1962, aos 15 anos de idade, movido pela indignação diante da repressão policial a uma manifestação realizada em Paris contra a guerra da Argélia (repressão que gerou um total de 9 mortos). Isso indica como, desde cedo, as razões e os afetos que mobilizaram seu engajamento estiveram atravessados por uma verve internacionalista e anticolonial. “Na trajetória de Daniel Bensaïd, tratava-se de sua ‘entrada’ – desde então sem interrupção – *na* política, o que colocaria fim tanto à sua carreira futebolística quanto às suas ambições teatrais”. (Querido, 2022, p. 15)

Mas o momento mais decisivo de seus primeiros passos na militância política foi a sua exclusão, em 1965, da juventude do PCF e da União dos Estudantes Comunistas (UEC), ao lado de outros 500 membros da organização que formavam ao redor de Alain Krivine e Henri Weber – ambos membros do Partido Comunista Internacionalista (PCI), seção francesa da IV Internacional, sendo Krivine orientado por Pierre Frank (Roso, 2016) – uma das 4 tendências então existentes. No ano seguinte, foi então formada a Juventude Comunista Revolucionária (JCR), organização que assumiria em 1968 um papel de destaque nos eventos do maio de 68 francês, com Bensaïd à frente. O autor ajuda a dar inteligibilidade a esse processo de exclusão e ruptura ao observar que ele se deu “sob o impulso da radicalização das lutas contra a guerra do Vietnã, do rechaço em apoiar desde o primeiro turno a candidatura de François Mitterrand e da crítica aos hábitos conservadores propalados no interior do PCF”. (Querido, 2022, p. 15) Como observa Darren Roso (2016), a “crise do stalinismo, a revolta húngara de 1956 e a atitude ambivalente do PCF em relação à guerra de independência da Argélia formavam uma combinação explosiva para a revolta dos jovens”. Sendo parte constitutiva da formação inicial de um militante, as razões de tal ruptura – do internacionalismo à necessidade de um espírito aberto, passando pelo compromisso com a independência política de classe – iriam marcar de maneira indelével a reflexão política de Bensaïd.

Se não é o caso de reconstruir aqui toda a análise da trajetória de Bensaïd realizada pelo autor, cabe, no entanto, observar a precisão com que seleciona os textos e os respectivos argumentos representativos do pensamento político de Bensaïd, cuja orientação é interpretada neste momento inicial como sendo “ultraleninista”. Bastante expressiva, neste sentido, foi a sua dissertação de mestrado defendida em 1968 sob a orientação de Henri Lefebvre, *A noção de crise revolucionária em Lênin*.

Diante de um contexto político no qual a extrema esquerda francesa estava hegemônica por uma perspectiva “mao-espontaneísta” (bem representada pela *Gauche Prolétarienne*), e ao mesmo tempo em contraposição ao estruturalismo então tendencialmente dominante, a dissertação de Bensaïd colocava toda a ênfase no “elemento subjetivo”, no sujeito. Mas, inspirado pelo Lukács de *História e consciência de classe*, quem assume o lugar do sujeito é o partido, e não mais a classe: como explica o autor, “o partido é compreendido como a encarnação da subjetividade capaz de estimular a ruptura com a objetividade coisificada do capital e do Estado burguês”, de modo que o “afrontamento entre as classes fundamentais tende assim a se reduzir a um enfrentamento entre o partido e o Estado”. (Querido, 2022, p. 20; 23-24) Deste período mais sectário e voluntarista, o autor destaca os eventos que levaram a sua organização – criada em abril de 1969 enquanto Liga Comunista (LC), a partir de uma fusão entre a JCR e o PCI – a se refundar em dezembro de 1974 como Liga Comunista Revolucionária

(LCR), nome adotado até sua dissolução em 2009, dando lugar ao Novo Partido Anticapitalista (NPA).

Neste momento (re)fundacional, em meados dos anos 1970, o autor mostra como o balanço crítico da linha da organização à luz de sua experiência política prévia foi central. Deixando para trás a tendência substitucionista que influenciava sua concepção anterior, Bensaïd e sua organização passaram a entender de maneira mais nuancada e complexa o processo de construção partidária, assim como o desenvolvimento da consciência de classe. (Querido, 2022, p. 34-35) Esta primeira grande inflexão política na história da LCR e na trajetória de Bensaïd – expressa na elaboração da sua primeira grande obra com uma reflexão político-estratégica de fôlego, *A revolução e o poder* –, foi decisiva. De certa maneira, tomou-se mais consciência das dificuldades envolvidas na luta pela conquista do poder, criando condições mais favoráveis para se sobreviver aos “sombrios anos 80”, em uma conjuntura na qual a ofensiva capitalista se encarnava na contrarreforma liberal e na adesão do governo socialista de François Mitterrand (eleito por uma coalizão que incluiu o PCF) a uma orientação social-liberal, sem gerar a esperada reação popular. (Querido, 2022, p. 44) Como mostra o autor, Bensaïd desempenhou um papel fundamental neste processo de resistência e renovação em meio à “travessia no deserto” ao longo dos anos 1980.

O autor apresenta ainda uma análise mais direcionada à corrente de Bensaïd, preocupando-se em destacar o desenvolvimento de sua composição social e o peso em seu interior de jovens, estudantes, intelectuais e setores populares. Igualmente busca chamar a atenção para a sua posição específica em meio à esquerda francesa, sobretudo em relação ao acontecimento do maio de 68 e ao período que se abriu desde então, com a emergência de novas questões e desafios. Em sua interpretação, maio de 68 teve uma influência fundamental na experiência dos militantes da corrente de Bensaïd, que se distinguiu por uma “cultura política mais aberta, formada sob os influxos libertários da juventude da época”. (Querido, 2022, p. 50) Neste sentido, ela “expressava melhor do que qualquer outra organização a articulação efêmera, mas politicamente importante, que se produziu em 68 entre o movimento operário ‘clássico’ e os ‘novos’ movimentos sociais (‘libertários’) em germe”. Isso se refletiu, por exemplo, como lembra o autor, nos debates e dossiês publicados ao longo dos anos 1970 na revista teórica da organização, *Critique Communiste*, sobre as relações entre militância e vida cotidiana, feminismo, sexualidade, entre outros temas. Tratava-se então de uma tentativa de incorporar as novas questões e desafios que haviam emergido durante e após maio de 68 em uma perspectiva marxista revolucionária.

É interessante notar ainda a caracterização que o autor faz da corrente internacional de Daniel Bensaïd: ela seria “incontestavelmente” a vertente “mais heterodoxa do trotskismo francês e mundial”, no interior da qual a figura de Ernest Mandel teria representado, para Bensaïd, “uma espécie de *passeur* entre duas gerações, entre aquela dos primeiros ‘trotskistas’ e a nova geração de militantes que emergira politicamente a partir dos anos de 1960”. (Querido, 2022, p. 52-53) Mandel, com seu “espírito relativamente aberto no contexto do trotskismo da época” pôde representar para a geração de Bensaïd “uma passarela menos dogmática de acesso à herança do marxismo revolucionário do passado”. Não por acaso Bensaïd e os demais jovens de sua corrente tinham Mandel como uma referência intelectual, alguém que contribuía para o aprendizado permanente dos “fundamentos do marxismo”. Isso não significava, na época, e menos

ainda posteriormente, uma relação dogmática e acrítica com aquele que havia se tornado um dos principais dirigentes da IV Internacional. (Bensaïd, 2017)

## II

É justamente nos anos 1980, em um contexto de transição e em meio a um quadro histórico de retrocessos, que Bensaïd descobre, por assim dizer, a obra de Benjamin. Segundo o autor, esse “estreitamento do ‘horizonte de expectativas’” (Koselleck) gerou um impacto na “leitura do marxismo” e na “crítica do capitalismo” feita por Daniel Bensaïd, “redefinindo o eixo de suas preocupações político-intelectuais, bem como o escopo dos autores por ele incorporados”. (Querido, 2022, p. 72)

A primeira referência a Benjamin se encontra no livro *Estratégia e partido*, publicado em 1987, que resultou de cursos de formação oferecidos por Bensaïd à sua corrente no ano anterior. Neste livro, Benjamin aparece em uma nota de rodapé, na qual as teses sobre o conceito de história são invocadas para “criticar as concepções evolucionistas, lineares do progresso histórico, seja em sua versão reformista, gradualista, enfim, social-democrata, seja na sua variante stalinista”. (Querido, 2022, p. 46)

Pontual, mas não pouco significativa neste primeiro momento, a relação de Bensaïd com a obra de Benjamin vai se intensificar ao longo dos anos seguintes, tendo como ponto culminante a publicação em 1990 de *Walter Benjamin, sentinela messiânica: à esquerda do possível*. Esta foi a primeira e principal obra na qual Bensaïd apresenta sua leitura “singular e seletiva” (Querido, 2022, p. 229) da obra benjaminiana, cujo eixo é a questão da temporalidade e da relação entre história e política, sobretudo a partir de uma apropriação do projeto das *Passagens* (especialmente da fase final, entre 1936-1940) e das teses “Sobre o conceito de história” (1940).

Neste sentido, a segunda parte do trabalho (Capítulos 3 e 4) é dedicada a uma análise da trajetória e do pensamento de Benjamin, seguida de uma contextualização de sua recepção nos meios intelectuais; e também se dedica à análise da maneira singular como Bensaïd se apropriou das reflexões benjaminianas. Em nossa compreensão, nesses dois capítulos encontramos o ponto alto do livro. Eles cumprem um papel central na interpretação e na exposição do modo como as reflexões inspiradas em Benjamin impactaram a própria elaboração intelectual de Bensaïd. É notável o domínio com que o autor aborda a trajetória e o pensamento de Benjamin, bem como as reflexões de Bensaïd inspiradas no filósofo alemão. Assim, em grande medida a originalidade de sua renovação do marxismo é atribuída à sua “inflexão benjaminiana”.

Em um tempo histórico marcado por crises e derrotas como os anos 1980, o pensamento de Benjamin teria se tornado particularmente mais interessante. Isto porque, como se sabe, ele adere ao marxismo entre 1924 e 1925 – a partir da leitura de *História e consciência de classe* de Lukács –, justamente em um momento marcado pelo refluxo das lutas revolucionárias, após derrotas de grande envergadura, como o fracasso da revolução alemã em 1923. Neste sentido, Benjamin “encampa uma leitura radical-revolucionária do marxismo no momento mesmo em que a revolução deixa de estar na ordem do dia”, diante de condições que marcaram a sua concepção de marxismo. (Querido, 2022, p. 73) Essa é uma das razões que fazem com que seu marxismo seja atravessado por uma “melancolia revolucionária”, baseada na “aposta de que não há esperança senão na ‘frágil força messiânica’ dos oprimidos”. (Querido, 2022, p. 91)

Para além dessa dimensão melancólica e messiânica, que viria a exercer grande influência na reflexão bensaïdiana, o autor mostra como Benjamin apresenta uma “nova abordagem da história”, rompendo radicalmente “com as *ideologias do progresso*, com sua mistura de historicismo e de positivismo”: “No âmbito dessa ruptura com o *culto sonolento do progresso*, Benjamin procede a uma verdadeira reorganização do tempo histórico, redistribuindo os sentidos do passado e do futuro à luz e a partir do presente”. (Querido, 2022, p. 92-93) Desse modo, este “primado” do presente permite “uma ‘reabertura’ não apenas das expectativas (utópicas) de futuro, mas especialmente do passado, até então considerado, em proveito dos vencedores, como *consumado* e, portanto, como ‘fechado’”. Essas breves passagens mostram a força da interpretação que o autor faz de Benjamin, não sem alguma inspiração nas próprias leituras de Löwy e Bensaïd, objeto de sua pesquisa.

Segundo o autor, a “ampla maioria das leituras de Benjamin efetuadas nas últimas décadas” é marcada por um “menosprezo pelas preocupações políticas presentes na reflexão filosófica do ensaísta alemão”. (Querido, 2022, p. 106) A interpretação bensaïdiana foi assim uma das primeiras, ao lado e um pouco após a de Michael Löwy, a ir na contracorrente desta tendência hegemônica. Considerando que a recepção de um pensador envolve um “processo permanente de reinterpretação a partir de um espaço/tempo cultural e intelectual, quer dizer, de um presente histórico determinado”, ou ainda que o “presente, em seus antagonismos, é sempre o horizonte sob o qual se realiza a leitura das obras do passado”, Bensaïd encontra em Benjamin um pensamento que torna possível uma “redefinição político-estratégica e intelectual da esquerda radical, em um contexto pós-derrota”. (Querido, 2022, p. 100 e 107) Benjamin é tomado, neste sentido, como “guia de um recomeço, não um recomeço absoluto, e sim um recomeço a partir dos destroços e da herança do passado”. É assim que se torna possível compreender o retorno de Bensaïd a figuras como as de Auguste Blanqui, Georges Sorel ou Charles Péguy, um conjunto de “socialistas dissidentes” que serviram de fonte de inspiração para a sua renovação crítica do marxismo. Foi Benjamin quem lhe forneceu “uma nova rota de acesso” para esta “tradição’ herética”, em meio ao “ambiente intelectual proto-positivista francês”. (Querido, 2022, p. 107)

O autor mostra como, a partir da incorporação da obra de Benjamin, a questão do tempo – e também a da história e da memória – adquire centralidade no pensamento de Bensaïd. Dali em diante Benjamin serve de ponto de apoio para a elaboração de uma nova reflexão sobre a temporalidade, sobre as relações entre passado e presente. O primeiro livro que marca a inflexão benjaminiana de Bensaïd é *Eu, a Revolução*, publicado em 1989, no bicentenário da Revolução Francesa, justamente para tomar parte na “batalha pela memória” de tal revolução, contra aqueles que buscavam, com suas comemorações apaziguadoras, enterrar no passado o seu espírito radical.

Em vez de ser considerada como um simples fato consumado situado no passado, a Revolução para Bensaïd era na verdade um “‘projeto inacabado’, por assim dizer, ininterrupto, dotado de um impulso permanente que não se esgota em seu ato fundacional”. (Querido, 2022, p. 116-117) Isso tanto mais porque, “do ponto de vista dos oprimidos, a rememoração faz com que o passado permaneça ‘aberto’”. Com seu “impulso universalista”, a Revolução “jamais perdeu sua marca de nascença, assombrando como um espectro as lutas populares e, depois, proletárias, contra a dominação particularista da república burguesa”. O livro marca, desta maneira, a “ampliação do es-

copo” das reflexões de Bensaïd, que passa a integrar, desde então, “um conjunto de novos autores e referências”, particularmente daqueles relacionados com o “passado revolucionário francês”, a fim de disputar o seu legado. (Querido, 2022, p. 119)

Se a virada benjaminiana já havia se realizado em 1989, com a publicação do mencionado *Walter Benjamin, sentinela messiânica*, em 1990, Bensaïd “demarca, consolida e sistematiza” a incorporação da obra do filósofo alemão em suas próprias reflexões. (Querido, 2022, p. 120) Nesse livro, encontra-se uma “reflexão ou meditação propriamente político-filosófica *sobre e/ou a partir* de Benjamin, submetendo-o aos desafios do ‘tempo-de-agora’ – após o acúmulo das derrotas na década de 80”. (Querido, 2022, p. 121) Sendo assim, “mais do que ‘comentar’ as teses [sobre o conceito de história], na primeira parte do livro, Bensaïd as reescreve, intercalando passagens do texto original com novos trechos por ele redigidos”, buscando desse modo “um ‘princípio de inteligibilidade’, quer dizer, um princípio ‘de orientação nos labirintos da história’, para entender o presente”.

Bensaïd mostra-se interessado pelo “messianismo benjaminiano”, ainda que, à diferença de seu companheiro Löwy, faça um esforço para entendê-lo em uma chave “profana”, conectando-o “não com as utopias em geral, mas com a política revolucionária concreta”. (Querido, 2022, p. 123) Nesses marcos, busca articular o pensamento de Benjamin com a “vertente dissidente (antipositivista) do ‘racionalismo’ francês (Pascal, Blanqui, Péguy, Sorel etc.)”, de onde emerge “a noção que constitui a base de sua interpretação benjaminiana, de ‘razão messiânica’”.

Na contramão do “racionalismo clássico”, a razão messiânica “reivindica a necessidade de ‘desconstrução dos grandes edifícios da razão abstrata’, a fim de recolher os ‘cacos’ da ‘totalidade quebrada’ e, assim, inscrever uma compreensão do presente atenta às ‘rupturas, bifurcações e passagens’”. (Querido, 2022, p. 123) Ou seja, uma concepção da temporalidade histórica aberta às contingências, ao não linear, em que o presente é “compreendido como ‘instante messiânico’”. (Querido, 2022, p. 125) Em uma aliança entre materialismo histórico e messianismo profano, o passado pode ser pensado, a partir do presente, por meio de uma “memorização ativa dos vencidos da história, na qual – mais do que subscrever o que foi – intenta-se ‘resgatar’ o que poderia ter sido”.

Trata-se, porém, de um messianismo ativo: “A razão messiânica, em Benjamin, nos lembra Bensaïd, não envolve uma espera passiva, mas uma espera ativa”. (Antentas, 2016, p. 73) A ele se vincula uma “razão profética”, cuja profecia “condicional” anuncia a catástrofe “a não ser que”... se faça algo para evitá-la. (Querido, 2022, p. 169) Pois a “profecia messiânica é, à diferença do oráculo grego, uma antecipação condicional que busca evitar o pior”. (Antentas, 2016, p. 72) Tal profecia deve ser compreendida, portanto, como um “convite à ação”, já que é a ação política que detém o poder, ainda que melancolicamente improvável, de bifurcar a história e assim “desviar” o seu curso.

O messianismo profano é entendido em oposição ao pensamento utópico, “à temporalidade das utopias, articulada em torno de um futuro hipotético e abstratamente arquitetado”. (Querido, 2022, p. 127) Assim, de acordo com a razão messiânica de Bensaïd, “centrada no campo do possível no presente, ‘o futuro não é um lugar imóvel de uma terra prometida, mas o horizonte em movimento no qual se atualizam os possíveis’”. O autor lembra aqui que a utopia em Bensaïd é entendida, segundo os termos de Henri Lefebvre, seu antigo orientador, como sendo o “senso não prático do possível”: a isto a razão messiânica deve opor o “senso prático do real”.

Completando o que poderia ser entendido como a sua “trilogia sobre a história e a memória”, em 1991 Bensaïd publica *Jeanne, de guerre lasse*, seu livro dedicado à Joana d’Arc, em mais um capítulo de sua batalha pela memória, desta vez visando disputar o legado de uma figura que havia sido apropriada até pela extrema direita francesa. Este foi o primeiro livro escrito por Bensaïd após a dramática descoberta, em 1990, de que era portador de uma grave doença (HIV), que iria contribuir para o seu distanciamento relativo das atividades partidárias – sem nunca se afastar por completo – e para a sua dedicação à escrita: a contar de 1989 em diante, Bensaïd elabora “mais de duas dezenas de livros, além de centenas de artigos, publicados em diversas línguas”, sob a pressão de uma “temporalidade emergencial” que lhe foi imposta pela doença. (Querido, 2022, p. 136)

O autor não endossa a posição daqueles que interpretam de maneira demasiado unilateral a “inflexão benjaminiana” de Bensaïd. Em sua visão, a incorporação de Benjamin “não ocasionou uma ruptura, no sentido forte, na trajetória de Bensaïd, como se o que viesse depois se colocasse como contraponto (auto)crítico absoluto ao que se passara antes”. (Querido, 2022, p. 133) Pois, a bem da verdade, ao menos em alguma medida – esta é a posição do autor –, um certo marxismo aberto já estava presente nos escritos de Bensaïd anteriores à sua leitura de Benjamin.

No fundo, o autor sustenta que a inflexão na obra e na trajetória de Bensaïd não se resume a uma “mudança da forma e/ou do conteúdo da reflexão”, que ele reconhece e tende a interpretar como uma “passagem para outros temas e preocupações, ou para novas abordagens das questões anteriores”. (Querido, 2022, p. 134; 137) Na verdade, tal inflexão impactou também as “modalidades do seu engajamento político-intelectual, forçando um reposicionamento necessário no contexto do cenário intelectual francês”. Desde então, Bensaïd inicia uma “intervenção mais explícita e ‘direta’ no que restou da esfera ‘pública’ francesa”, polemizando com “figuras eminentes da intelectualidade midiática”, como o “ex-maoísta convertido à direita ‘liberal’ Bernard Henri-Lévy”. Assim, essa intensificação e/ou ampliação de suas intervenções no “campo intelectual” o permitiram extrapolar significativamente os “limites do público militante”.

### III

Na terceira e última parte do livro (Capítulos 5 e 6), o autor se dedica ao momento aberto após a “inflexão benjaminiana” de Bensaïd. É neste período que suas energias são focadas em um “trabalho de reflexão atualizadora sobre alguns aspectos da obra de Marx, interpelando-a a partir de temas e questionamentos contemporâneos”. (Querido, 2022, p. 152) Disso resultam, entre outros escritos, duas de suas principais obras sobre Marx e o marxismo: *Marx, o intempestivo: grandezas e misérias de uma aventura crítica (séculos XIX e XX)* e *A discordância dos tempos: ensaios sobre as crises, as classes e a história*, ambas de 1995. Estes dois livros, como observa o autor, tiveram como base as notas preparatórias dos cursos sobre Marx que Bensaïd ministrou, desde os anos 1980, em suas aulas de filosofia na Universidade Paris 8 (Vincennes – Saint-Denis).

Segundo o autor, no início dos anos 1990, o trabalho de Bensaïd se inspira significativamente em algumas reflexões de Jacques Derrida, filósofo francês de orientação pós-estruturalista que, no entanto, havia tido a ousadia de publicar em 1993,



quando as alegações de “morte do marxismo” estavam a pleno vapor, um livro dedicado a Marx (*Espectros de Marx*), no qual afirmava que “não há futuro sem Marx”. Em um escrito elaborado para um colóquio dedicado a Derrida em 2005, no México, Bensaïd preferiu falar da existência de uma “afinidade temática” entre a sua obra e a do filósofo da desconstrução, em vez de colocar esta relação em termos de influência ou de inspiração. Dentre os temas partilhados, destacava “uma preocupação com a experiência do contratempo (ou da discordância dos tempos), com as lógicas da espectralidade, com as leituras heterodoxas de Marx, com o tema do messianismo ou da ‘messianicidade’”. (Bensaïd, 2005)

Em todo caso, o fato é que Bensaïd passa a se engajar cada vez mais em diálogos com a intelectualidade crítica: de Derrida a Bourdieu, passando por John Holloway, Antonio Negri e Alain Badiou, e chegando mesmo a uma nova apreciação da obra de Louis Althusser. O autor busca reconstruir tais diálogos de Bensaïd, mostrando a amplitude e a abertura de sua intervenção no campo intelectual. Em boa medida, a terceira parte do livro se dedica à difícil missão de apresentar uma visão sintética do conjunto das obras elaboradas por Bensaïd nas duas décadas finais de sua vida, como que com o intuito de fornecer um mapa de suas reflexões, referências e interlocutores.

Porém, em termos de contexto histórico, o destaque vai para o acontecimento da greve de novembro de 1995 na França, contra as “reformas” da previdência e da seguridade social anunciadas por Alain Juppé (primeiro-ministro de Jacques Chirac). Tratou-se de um marco na retomada das lutas sociais, fechando o ciclo anterior que se iniciara no início dos anos 1980 e abrindo um novo, marcado agora pelo “retorno do social” e de uma relativa radicalização política. Assim, o “grande movimento social de 1995 significou, não apenas para a Liga, a abertura de um novo ciclo de lutas e mobilizações sociais”, do qual emergiu politicamente uma “nova geração militante”, que seria “determinante para dar novo fôlego” à corrente de Bensaïd. (Querido, 2022, p. 216)

Tal acontecimento também gerou efeitos de politização na intelectualidade francesa, fazendo com que alguns intelectuais adotassem posições mais à esquerda e mais comprometidas com a defesa dos interesses populares. Bourdieu, ao lado de seus seguidores, foi uma figura emblemática desse movimento, em uma inflexão que lhe aproximou da política e levantou em nova chave a problemática do engajamento dos intelectuais. “Em vários dos seus artigos do período, Bensaïd dedicou-se à reflexão sobre a questão da relação entre intelectual e política”, observa o autor, em um contexto em que Bourdieu havia se tornado “um símbolo do ‘renascimento’ dos intelectuais engajados à esquerda”. (Querido, 2022, p. 173) Mesmo que crítico da ilusão, compartilhada por Bourdieu e seus seguidores, “de um ‘partido dos intelectuais’, ancorado na autonomia e no monopólio da verdade científica, Daniel Bensaïd não hesitou em defender publicamente o engajamento ‘tardio’ do sociólogo francês”, em face das críticas e acusações por ele recebidas desde seu envolvimento com as lutas que irromperam em 1995.

De passagem, cabe recuperar aqui um episódio não mencionado pelo autor. Não é por acaso que, em agosto de 1997, Bensaïd escreve, para a revista *Lignes*, uma belíssima homenagem a um antigo companheiro com quem havia dividido teto e abrigo no México: militante negro e revolucionário, Roberto Mac Lean havia sido assassinado há um mês, aos 39 anos, em Barranquilla (Colômbia), em frente à sua casa. Esse episódio levou Bensaïd a uma reflexão sobre as razões e paixões do engajamento, em uma espécie de

elogio da militância e do “compromisso revolucionário” (ou “compromisso comunista”), movido pelo que ele chama de “lealdade aos desconhecidos”. (Bensaïd, 1997)

Em todo caso, deste momento em diante Bensaïd estabeleceu um diálogo muito mais aberto com Bourdieu e outros intelectuais de orientação bourdiesiana, tendo sido então uma de suas primeiras demonstrações de abertura ao diálogo crítico com outras tradições. Sua parceria com Philippe Corcuff é exemplar neste sentido: dentre outras iniciativas conjuntas anteriores, Bensaïd lançou ao seu lado, em 2001, a revista *Contre-temps*, que teve como principal objetivo o estabelecimento das “bases de diálogo entre o conjunto da esquerda intelectual francesa afinada com os movimentos sociais de resistência à mundialização liberal dentro e fora da França”. (Querido, 2022, p. 175) A primeira série da revista teve 22 números e foi concluída em maio de 2008, com um dossiê dedicado aos 40 anos de maio de 68, sendo relançada em janeiro de 2009 com uma discussão sobre a nova esquerda anticapitalista.

Em certo sentido, em sua concepção original, a criação da revista tinha a intenção de fornecer alguma resposta ao “esgotamento do ciclo de negação e de resistência utópica das lutas e movimentos sociais” que havia emergido em 1995 na França e com a onda altermundialista a nível global: “mais do que afirmar que um ‘outro mundo é possível’, tratava-se, na sua opinião, de começar a pensar (estratégica e não utopicamente) qual outro mundo é esse, e, principalmente, como alcançá-lo”. (Querido, 2022, p. 192) O autor mostra, assim, como Bensaïd ao mesmo tempo valorizou as lutas que surgiram neste momento, mas também se manteve crítico em face de algumas perspectivas que tendiam a restringi-las a seu “momento negativo”, de contestação da mundialização liberal, sem apresentar propriamente uma alternativa hegemônica. É diante desse contexto que Bensaïd sustentava a atualidade de um “retorno da questão político-estratégica”, na contracorrente do “eclipse da razão estratégica” que havia dominado a esquerda desde os anos 1980.

Enfim, na conclusão da terceira parte o autor se dedica a analisar a transição que se deu na corrente de Bensaïd, de sua figura para a de Olivier Besancenot, um jovem carteiro de profissão e historiador de formação, de inclinação “marxista-libertária”, que havia aderido à LCR em 1988. O autor tenta mostrar como a emergência da figura política de Besancenot no interior não só da LCR, mas sobretudo da cena política francesa (a partir das votações significativas obtidas nas eleições presidenciais de 2002 e 2007), expressou ao mesmo tempo um processo de renovação, de abertura e de radicalização políticas.

Por um lado, esta transição marcou o peso assumido por uma nova geração de militantes: “Após a eleição, com o *fenômeno* Besancenot em alta midiática, a LCR dobrou seus efetivos em apenas alguns meses, passando de 1.500 para cerca 3.000 militantes”. (Querido, 2022, p. 218) Depois das eleições de 2002, “o percentual de membros do partido com menos de 30 anos subiu a 40%, e aqueles com menos de 40 anos a 60%”. (Querido, 2022, p. 219) Assim, em 2006, “67% dos militantes haviam ingressado na LCR depois de 1995, e 45% depois de 2002”. Essa renovação geracional, no entanto, fez com que a geração 68 se tornasse minoritária pela primeira vez na história da organização. Dali em diante, a maior parte dos militantes da LCR não havia mais sido batizada no fogo das lutas do maio de 68 (ou do pós-68), e menos ainda no relativo marasmo dos anos 1980, mas sobretudo nas lutas que se desdobraram a partir do ciclo aberto em novembro de 1995.

Enfim, fortalecida com a sua participação nas lutas sociais e nas disputas eleitorais, a LCR decide liderar a fundação de um novo “partido anticapitalista amplo”: em fevereiro de 2009 foi assim criado o *Nouveau Parti Anticapitaliste* (NPA), com cerca de 9.000 membros, triplicando os efetivos militantes da LCR. (Querido, 2022, p. 222-223) No mesmo ano, porém, também foi constituída a *Front de Gauche* (FG), sob a liderança de Jean-Luc Mélançon (“ex-membro da esquerda do PS”) e seu *Parti de Gauche*. Esta iniciativa, que aliás contou com participação do PCF, foi um dos principais obstáculos para a intervenção política e eleitoral do NPA, na medida em que tal frente conseguiu ocupar “um espaço ‘reformista’ à esquerda do PS ‘social-liberalizado’ que a LCR/NPA pensava estar esgotado”. No período seguinte, o NPA já teve suas primeiras perdas significativas com a saída de militantes que foram se juntar ao *Front de Gauche*, parte dos quais veio a constituir o coletivo *Ensemble*.

Em todo caso, um dos efeitos desse processo de renovação foi uma reformulação da concepção organizacional. Por exemplo, no livro *Tomemos partido: por um socialismo do século XXI* (2009), escrito a quatro mãos por Bensaïd e Besancenot, encontramos uma importante reflexão sobre as formas da militância, expressando um esforço de atualização político-organizativa da corrente. Em sua visão, era necessário “militar de outra maneira”. (Querido, 2022, p. 226-227) Se, no passado, o funcionamento da organização havia sido “excessivamente exigente”, era chegada a hora de construir um partido mais aberto e flexível: ainda um “partido de militantes” (e não de “aderentes passivos”), mas com mais condições de organizar em seu interior pessoas comuns que, engajadas politicamente em diferentes graus, não perdem seus vínculos com o cotidiano que marca a vida da maioria dos trabalhadores e das trabalhadoras. Para o autor, com esse livro, Bensaïd buscou então “estabelecer as pontes para a transmissão de uma determinada herança militante”. A despeito dos eventuais méritos e/ou limites desse esforço, o fato é que essa “transmissão” de uma certa herança marxista jamais foi concebida em termos dogmáticos.

\*\*\*

Em linhas gerais, podemos dizer que o livro de Fabio Querido apresenta uma excelente síntese da trajetória de Daniel Bensaïd, antes, durante e após a sua inflexão benjaminiana, tendo como ponto alto justamente a análise e a explicitação de sua incorporação da obra de Walter Benjamin. O leitor poderá lamentar, talvez, que os textos presentes na *Critique Communiste*, por um longo período a revista teórica da LCR, não receberam maior atenção, nem mesmo a intervenção específica de Bensaïd nas páginas da revista. Isso também pode ser dito em relação aos textos da revista *Contretemps*, fundada em 2001 ao lado de Philippe Corcuff, como vimos. Do mesmo modo, pode ser que sinta falta de uma maior consideração da vida e dos debates internos à própria corrente de Bensaïd, seja a nível nacional (LCR), seja a nível internacional (IV Internacional). Pois os congressos, resoluções, polêmicas e de maneira geral a atividade propriamente política de tais organizações comparecem em momentos mais pontuais da narrativa. Por outro lado, é verdade que tais ausências relativas não comprometem a argumentação em torno da tese fundamental sustentada pelo autor. Elas apenas estimulam, no leitor, um maior interesse pelo objeto analisado, em suas várias dimensões.

Neste mesmo sentido, é possível que o leitor lamente também a falta de maiores considerações a respeito da relação de Bensaïd com o Brasil. Falta que talvez venha a ser ainda mais sentida à medida em que se descobre que Bensaïd, “além de manejar razoavelmente o ‘portunhol’”, visitou o Brasil, ao longo da década de 1980, “de duas a três vezes por ano”, frequentou as assembleias massivas do movimento operário em São Bernardo, escreveu textos de análise da situação brasileira, acompanhou o desenvolvimento do Partido dos Trabalhadores até meados dos anos 2000 e chegou até a entrevistar Lula, então uma emergente liderança política. (Querido, 2022, p. 42-44) Afinal, como lembra o autor, a essa “experiência brasileira”, Bensaïd dedicou todo um capítulo de sua autobiografia.

Porém, a questão fundamental que emerge da leitura do livro é justamente como interpretar a “inflexão benjaminiana” de Bensaïd. Os argumentos apresentados pelo autor são bastante convincentes para sustentar que tal inflexão de fato ocorreu, como buscamos apresentar acima. Em meio a um novo contexto social e político que se desenhava desde o final dos anos 1970 e a partir de uma leitura “seletiva e singular” de Benjamin, a obra e a trajetória de Bensaïd sofreram uma inflexão: uma mudança que não foi apenas da forma e do conteúdo de sua reflexão, mas que envolveu também um reposicionamento político e intelectual, afetando as modalidades de seu engajamento.

Importa observar que tal inflexão benjaminiana não deve ser interpretada como se o seu resultado pudesse ser resumido a uma mera assimilação, ainda que crítica, da obra de Benjamin. Por mais relevante que esta tenha sido, ela não esgota as elaborações bensaïdianas posteriores. O livro não autoriza, e o autor não endossa, portanto, essa visão. No entanto, a certa altura, duas das principais obras teóricas de Bensaïd – *Marx, o intempestivo* e *A discordância dos tempos* – são caracterizadas como “reinterpretações benjaminianas do marxismo, centradas na questão da temporalidade (e da ‘racionalidade’) histórica”. (Querido, 2022, p. 154) O problema desta afirmação é seu caráter demasiado parcial. Isto é, embora parcialmente verdadeira, tal caracterização não dá conta da riqueza e da complexidade das mencionadas obras de Daniel Bensaïd (e menos ainda de suas reflexões posteriores).

Se considerarmos a segunda e a terceira parte de um livro como *Marx, o intempestivo*, por exemplo, notamos que o alcance de suas reflexões está muito além de um horizonte estritamente “benjaminiano”. Toda a reflexão de Bensaïd sobre as classes sociais e a luta de classes<sup>3</sup> – embasada em uma leitura dos três volumes de *O capital* e dos escritos políticos de Marx –, em um embate com a “razão sociológica”, com as interpretações do “marxismo analítico” (John Roemer e Erik Olin Wright, particularmente) e ainda com algumas das teses de André Gorz, e especialmente a sua elaboração sobre a concepção de ciência de Marx, são de uma riqueza e complexidade irreduzíveis a um enquadramento “benjaminiano”.

Ora, a despeito do que a expressão possa sugerir para alguns, desde a “inflexão benjaminiana” de Bensaïd, Benjamin não se torna o seu único “guia” para orientar o pensamento e a ação em um novo contexto marcado pela crise e pela derrota. Ainda que assumindo uma posição de destaque, o livro de Fabio Querido mostra que, na verdade, Benjamin passa a integrar, nas reflexões de Bensaïd, uma constelação intelectual mais ampla, da qual fazem parte outros tantos referenciais. Benjamin é colocado ali ao lado de Marx, mas também de Gramsci, Rosa Luxemburgo, Trótski e Lênin. E contribui,

<sup>3</sup> Para uma apreciação da concepção de Bensaïd sobre a luta de classes, ver Gava (2023, p. 83-88).

por sua vez, para integrar ainda outras figuras, digamos mais “heréticas”, como Charles Péguy e Auguste Blanqui.

Esta questão é tanto mais importante para nós na medida em que permite abordar uma outra, intimamente vinculada, sobre a relação de Bensaïd com a herança do marxismo clássico – ou ainda, caso se prefira, talvez mais precisamente, com a herança da tradição marxista revolucionária. Em algumas passagens, o autor sugere uma associação entre tal herança e uma ortodoxia, chegando a sugerir, por exemplo, a existência de um “fechamento dogmático em torno de suas próprias certezas”. (Querido, 2022, p. 191) Por sua vez, a corrente política de Bensaïd é caracterizada como sendo, ao mesmo tempo, a “vertente incontestavelmente mais heterodoxa do trotskismo francês e mundial” (como vimos) e uma representante da “ortodoxia trotskista”, em sua “versão *mandelista*”. (Querido, 2022, p. 52; 64) Nas palavras do autor, em Bensaïd se percebe, mesmo após sua inflexão benjaminiana, uma “relação ambivalente” com a “herança marxista ‘clássica’ (leninista-trotskista)”.

Entre a ortodoxia e a heterodoxia, de nossa parte preferimos interpretar a relação de Bensaïd com a herança do marxismo clássico ou da tradição marxista revolucionária como uma relação crítica, na mesma linha do que seu companheiro de organização, Michael Löwy, certa vez denominou como “marxismo crítico”: um marxismo que não teme “ser ortodoxo, nem herético”. (Löwy, 1997, p. 22)

Segundo o autor, para Bensaïd, as transformações contemporâneas do capitalismo não teriam colocado um fim à “centralidade” das “classes sociais” e nem teriam suprimido a vigência do “programa marxista ‘clássico’”, que defende a “necessidade da subversão e transformação revolucionária das relações de produção (e de propriedade) hegemônicas, a partir da conquista do poder político”. (Querido, 2022, p. 164) De modo que a renovação e a atualização do marxismo não se fazem propriamente *contra* a herança dos clássicos, mas a partir dela. Há em seu pensamento, portanto, o esforço de articulação “entre a preservação do legado marxista ‘clássico’ e a abertura heterodoxa dessa tradição às implicações do presente”. (Querido, 2022, p. 191)

Talvez a relação de Bensaïd com a herança do marxismo revolucionário possa ser mais bem compreendida ao se tomar como referência a figura do “marrano” – judeus convertidos à força ao catolicismo, mas que continuavam professando secretamente seu judaísmo –, como sugere o autor. (Querido, 2022, p. 140) O marrano ajuda Bensaïd a conceber uma relação não dogmática com a tradição, uma “relação ativa e mutável”. Uma relação crítica, se se quiser. Pois, como dissera Derrida, herdar implica uma reafirmação crítica e seletiva da herança. (Querido, 2022, p. 151) O trabalho de Bensaïd foi então um esforço de “preservação e transmissão da herança do passado, não como algo a ser cultuado como peça de museu, mas sim como parte de uma tradição que de alguma forma interpela o presente, sendo sempre, portanto, ‘atualizada’ a partir do *contemporâneo*”.

Como demonstra a obra e a trajetória de Daniel Bensaïd, atualizar uma tradição, colocando-a diante dos problemas do presente, é a melhor maneira de “salvar” uma tradição. Esse é o espírito de sua renovação do marxismo. Seu desafio segue sendo o nosso. E o livro de Fabio Querido é uma grande contribuição para que possamos encará-lo à luz do nosso tempo.

## Referências

- ANTENTAS, Josep María. “Daniel Bensaïd, Melancholic Strategist”. *Historical Materialism*, v. 24, n. 4, 2016.
- BENSAÏD, Daniel. “Introdução crítica à Introdução ao marxismo, de Ernest Mandel: 30 anos depois”. In: BENSAÏD, Daniel; LÖWY, Michael. *Centelhas: marxismo e revolução no século XXI*. São Paulo: Boitempo, 2017.
- BENSAÏD, Daniel. *Espectres et messies: politiques de Derrida*. 2005. Disponível em: <<https://danielbensaid.org/spectres-et-messies-politiques-de-derrida/>>. Acesso em 31/05/2024.
- BENSAÏD, Daniel. “La loyauté envers les inconnus”. *Lignes*, n. 32, 1997.
- BUDGEN, Sebastian. “The Red Hussar: Daniel Bensaïd, 1946-2010”. *International Socialism Journal*, n. 127, 2010.
- GAVA, Pedro. “Feminismo, teoria da reprodução social e luta de classes: uma leitura estratégica”. *Germinal: marxismo e educação em debate*, v. 15, n. 3, p. 75-92, 2023.
- LÖWY, Michael. “Por um marxismo crítico”. *Lutas Sociais*, n. 3, 1997.
- QUERIDO, Fabio. *Daniel Bensaïd: intelectual em combate*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2022.
- ROSO, Darren. *Daniel Bensaïd: From the Actuality of the Revolution to the Melancholic Wager*. Leiden, Boston: Brill, 2023.
- ROSO, Darren. “Daniel Bensaïd and ‘the last generation of October’”. *Marxist Left Review*, n. 12, 2016.

Recebido em 03 de junho de 2024

Aprovado em 31 de julho de 2024